

http://doi.org/10.48195/jie2023.26510

RELAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA[1]

Marina Mezomo Soccal[2]; Giovana Durigon Alves[3]; Cristina Saling Kruel[4]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a literatura existente sobre a violência obstétrica e sua correlação com a depressão pós-parto. Foi realizado um estudo de revisão narrativa de literatura de cunho qualitativo e exploratório, baseado na técnica de Análise de Conteúdo, durante o mês de março de 2023. Os resultados revelaram que a exposição da gestante à violência pode impulsionar o aparecimento de sintomas depressivos no puerpério. Conclui-se que a violência obstétrica é um fator de risco para a depressão pós-parto, portanto, o cuidado com as gestantes deve ocorrer de maneira multiprofissional e durante todo o período gravídico-puerperal, a fim de contemplar também os aspectos psicológicos das novas mães e propiciar uma saúde mental mais estável.

Palavras-chave: Depressão Puerperal; Saúde Materno-Infantil; Trabalho de Parto.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the existent literature about obstetric violence and its correlation with postpartum depression. A qualitative and exploratory literature narrative review study was conducted, based on the Content Analysis method, during March 2023. The results revealed that the pregnant woman's exposure to violence can boost the appearance of depressive symptoms in the puerperium. It is concluded that obstetric violence is a risk factor for postpartum depression, therefore, care for pregnant women must occur in a multidisciplinary way and throughout the pregnancy and the puerperium, in order to also contemplate the psychological aspects of the new mothers and provide a more stable mental health.

Keywords: Depression, Postpartum; Maternal and Child Health; Obstetric Labor.

[1] Revisão de Literatura

[2] Estudante do Curso de Psicologia. Universidade Franciscana. E-mail: m.soccal@ufn.edu.br

[3] Estudante do Curso de Psicologia. Universidade Franciscana. E-mail: giovana.durigon@ufn.edu.br

[4] Orientador. Docente do Curso de Psicologia. Universidade Franciscana (UFN). E-mail: cristinakruel@prof.ufn.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Abusos, maus tratos e desrespeito contra as mulheres durante o parto ainda são uma realidade nas instituições de saúde espalhadas pelo mundo. Essas práticas impedem a garantia do direito a uma assistência respeitosa para essas mulheres, e colocam em risco o direito à vida, à saúde, à integridade e a não discrimição. Embora esses abusos possam ocorrer durante todo o período gravídico-puerperal, é na hora do parto que as mulheres ficam mais expostas a essas formas de violência, as quais podem trazer diversas consequências para a mãe e para o bebê (OMS, 2014).

No Brasil, em uma pesquisa realizada com 555 gestantes e puérperas, 12,6% dessas mulheres afirmaram que passaram por alguma violência obstétrica e 4,5% responderam que não sabiam se haviam sofrido violência durante o parto. Dentre os tipos de violência que mais apareceram, as intervenções não consentidas, ou consentidas com base em informações incompletas e distorcidas, foram as mais prevalentes, com 36,9%, seguidas por um cuidado indigno e abuso verbal, com 33%. Os abusos físicos apareceram em 13,5% dos relatos, o abandono, a negligência e a recusa de assistência em 10,6%, o cuidado não confidencial ou privativo em 3%, e a discriminação nos outros 3% (LANSKY *et al.*, 2019).

A depressão pós-parto é multifatorial, mas existem algumas condições que podem aumentar consideravelmente o risco dela se desenvolver, dentre elas, características socioeconômicas e de apoio social. Assim, puérperas jovens, com idades entre 14 e 24 anos, que tiveram um baixo nível de suporte social e afetivo, acompanhado de um apoio emocional ineficiente durante a gestação, possuem uma maior predisposição para desenvolver a doença (SANTOS *et al.*, 2022).

A escolha desse tema de pesquisa se justifica na necessidade de identificar o quão deletérias podem ser as práticas de violência obstétrica, tanto para a integridade física, quanto também para a saúde mental da mulher, uma vez que podem estimular o desenvolvimento de traumas psicológicos profundos (MATOS; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2021). Tendo em vista os relatos e os altos índices referentes às práticas de violência obstétrica, revela-se urgente contribuir com difusão da informação acerca dessas violências e dos seus reflexos.

2. OBJETIVO

Analisar a literatura existente sobre a violência obstétrica como uma possível causa da depressão pós-parto. Para tanto, busca-se compreender como a violência obstétrica pode impactar na saúde mental das puérperas, descrever as formas de violência obstétrica e dissertar sobre os riscos que levam ao desenvolvimento da depressão pós-parto.

3. METODOLOGIA

Esse trabalho decorreu de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, baseada na revisão narrativa de literatura a partir de produções acadêmicas encontradas nas plataformas virtuais Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). A questão que norteou o presente estudo foi: a violência obstétrica vivenciada pela parturiente reflete no desenvolvimento da depressão pós-parto?

Para realizar a busca, foram usados os descritores “Depressão Pós-Parto” e “Violência Obstétrica”, aplicados de forma combinada ou isolados. Como critérios de inclusão, foram selecionados somente artigos em língua portuguesa, desenvolvidos no Brasil, publicados nos últimos 5 anos, que fossem relacionados à temática pesquisada e que estivessem disponíveis gratuitamente de forma online. Como critérios de exclusão, não foram usadas teses, dissertações, resumos, livros, artigos em outros idiomas ou publicados antes do período determinado, e pesquisas duplicadas em ambas as bases de dados.

Na base de dados SciELO, foram selecionados 8 artigos que se enquadravam nos critérios de inclusão para serem lidos e analisados na íntegra. Já no repositório LILACS, foram encontrados 6 artigos que estavam dentro dos critérios de inclusão, os quais também foram lidos na íntegra. Após a leitura, optou-se por utilizar 9, visto que esses respondiam aos objetivos da pesquisa e se enquadravam nos critérios estabelecidos pelos pesquisadores.

Escolheu-se a abordagem qualitativa pelo motivo de a pesquisa visar interpretar os dados associados ao tema, e não os quantificar com o uso da estatística (PRODANOV, 2013). No mais, o estudo pretendeu levantar questionamentos e formular hipóteses, configurando-se como pesquisa exploratória. Segundo Gil (2002), esse tipo de pesquisa viabiliza a análise e o aprimoramento de diferentes perspectivas relacionadas ao estudo.

A elaboração do artigo ocorreu ao longo de março de 2023 a partir de uma revisão narrativa de literatura fundamentada na técnica de Análise de Conteúdo para a interpretação dos dados. Desse modo, o trabalho foi desenvolvido a partir das três fases da Análise de Conteúdo, sendo elas a Pré-análise – organização do estudo, formulação dos objetivos e das hipóteses e seleção e leitura supérflua dos documentos a serem analisados; a Exploração do material – codificação dos conteúdos nas unidades de registro "Depressão pós-parto" e "Violência obstétrica", a fim de facilitar o estudo – e, por fim, o Tratamento dos resultados e Interpretação (BARDIN, 2016).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O momento do parto se torna um dos mais importantes e especiais na vida da mulher – agora, mãe. Nesse sentido, atos que se configuram em violência obstétrica podem passar despercebidos, ora pela confiança da parturiente no trabalho da equipe médica, ora devido ao desconhecimento acerca de práticas obstétricas violentas e desnecessárias. Além disso, a expectativa da parturiente de vivenciar o nascimento de seu bebê de forma mais leve e especial possível faz com que evite reclamar, opinar e discordar dos profissionais, de modo a não ocasionar conflitos que possam abalar o trabalho de parto (MEDEIROS, 2022).

A violência obstétrica impacta a forma como o parto é visto pela sociedade e afeta a saúde materno-infantil, porém, ainda é desconhecida pelas mulheres, sendo um problema pouco discutido. Essas práticas, geralmente, estão associadas a técnicas obsoletas, as quais não apresentam evidências científicas e estão apoiadas apenas nas decisões dos profissionais ou instituições, sem uma transparência. Dessa forma, percebe-se que é necessária uma ampliação do conhecimento sobre essas violências, para que se possa promover uma assistência ao parto que respeite os direitos e a autonomia das mulheres, com base em práticas comprovadas cientificamente (LANSKY *et al.*, 2019).

O termo violência obstétrica é utilizado para nomear práticas desrespeitosas e/ou abusivas aplicadas durante o trabalho de parto. Nesse sentido, diversas são as atividades que podem ser configuradas como violência obstétrica. Entre elas, estão a realização de manobras médicas desnecessárias e invasivas, a proibição da autonomia e do direito de escolha da parturiente e violências emocionais – seja com falas depreciativas, ofensivas e humilhantes

destinadas à mulher em trabalho de parto, seja por meio de olhares repreensivos e da falta da comunicação verbal com a parturiente (MATOS; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2021).

Durante o trabalho de parto, alguns profissionais ignoram a autonomia das pacientes e direcionam o olhar apenas para a parte física, fazendo uso de intervenções desnecessárias, o que torna esse momento mecanizado. Esses procedimentos vão contra as recomendações científicas emitidas pelos órgãos competentes, bem como, não condizem com os manuais de boas práticas obstétricas. Além disso, essas práticas de violência podem ser traumáticas para as parturientes, visto que causam inúmeros sentimentos negativos. Assim, uma assistência qualificada durante o parto precisa levar em consideração o estado psíquico e emocional dessas pacientes (ALMEIDA *et al.*, 2022).

As vivências abusivas experienciadas no trabalho de parto, mesmo que possam ser esquecidas após o nascimento, impactam negativamente na autoestima e na saúde mental da mulher. Cabe ressaltar que a violência obstétrica também pode ser enquadrada como violência de gênero, por ser direcionada especificamente ao corpo feminino (LANSKY *et al.*, 2019). Após o parto, sentir-se inútil ou culpada é uma experiência comum entre muitas puérperas. No entanto, diversos são os fatores de risco associados a esse transtorno, e a exposição à violência obstétrica pode ser um deles (ARRAIS, 2018).

A violência obstétrica pode trazer prejuízos para a vida das gestantes, parturientes e puérperas que a vivenciam, pois retira sua autonomia e protagonismo. Assim, muitas mulheres sentem medo, tristeza e receio de serem hostilizadas pelos profissionais, o que lhes causa sofrimento. Desta forma, após passarem por esse tipo de violência, essas mães deveriam ser amparadas por programas de acolhimento direcionados para esse público, os quais ofereçam um cuidado para sua saúde mental (NASCIMENTO; SOUZA, 2022).

Um estudo realizado com 204 puérperas no pós-parto imediato, em um hospital público no estado do Mato Grosso, mostrou que 24,51% dessas mulheres apresentavam sintomas de depressão pós-parto. Além disso, foi possível identificar que esses sintomas, geralmente, estavam associados ao uso do tabaco na gestação, a intervenções da sogra no cuidado com o recém nascido, a possuir familiar com problema mental, a morar de aluguel, e a ter sofrido violência psicológica ou emocional. Neste sentido, a pesquisa mostrou que as puérperas que

passaram por esse tipo de violência tinham até três vezes mais chances de desenvolver depressão pós-parto (MONTEIRO *et al.*, 2018).

Em outra pesquisa, realizada com 1099 puérperas no segundo dia pós-parto, identificou-se que mulheres que foram expostas à violência na gestação tinham quatro vezes mais chances de desenvolver sintomas depressivos no puerpério imediato. Ademais, parturientes que foram submetidas a uma cesariana também tinham maiores chances de apresentar essa sintomatologia (POLES *et al.*, 2018). Nessa perspectiva, confirma-se a relação entre a violência à gestante e o desenvolvimento da depressão pós-parto.

A partir dos contextos supracitados, evidencia-se essencial a contribuição de equipes multiprofissionais no cuidado das gestantes não só durante a gestação e o parto, como também no período puerperal, a fim de garantir uma recuperação saudável e atenciosa às novas mães. Uma assistência multidisciplinar e conjunta poderá assegurar a integralidade da recuperação da puérpera, de modo a contemplar seus aspectos físicos e psicológicos e prevenir o desenvolvimento de doenças inclusive psíquicas, como a depressão pós-parto. (SANTOS *et al.*, 2022).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência obstétrica ainda é um tema pouco discutido em nossa sociedade, embora possa trazer diversas consequências negativas para a vida de quem a vivencia. Esse fato se dá, muitas vezes, pela confiança que a paciente aplica na equipe de saúde, ou por conta do desconhecimento dela a respeito dessas práticas. Dentre essas violências, destacam-se as intervenções desnecessárias e não consentidas, as quais retiram a autonomia e o protagonismo da parturiente, bem como, as violências psicológicas e emocionais, por meio de ofensas verbais, olhares de julgamento ou falta de comunicação. Portanto, percebe-se que essas práticas podem impactar na saúde mental das puérperas, mesmo que pareçam ter sido esquecidas após o nascimento do bebê.

O período gestacional provoca na mulher uma alta sensibilidade e um estado de vulnerabilidade, decorrentes da alteração dos níveis hormonais. Dito isso, a depressão pós-parto é uma condição que acomete um alto número de puérperas. No entanto, o desequilíbrio hormonal não é o único fator que interfere no desencadeamento da doença. Diversos são os

considerados fatores de risco, isto é, aqueles podem recrudescer as chances da puérpera desenvolver essa depressão, dentre eles, a exposição da gestante à violência – física, psicológica ou emocional – influencia no aparecimento de sintomas depressivos no puerpério. Por isso, o cuidado com as gestantes que passaram por situações de violência deve ser realizado de modo a assegurá-las suporte emocional e mental.

Por se tratar de uma revisão narrativa da literatura, o presente trabalho possui algumas limitações, já que se propõe a estudar a bibliografia existente em um determinado período. Diante disso, sugere-se o desenvolvimentos de mais estudos inovadores, que analisem especificamente a relação da violência obstétrica com a depressão pós-parto. Além disso, tornam-se necessários projetos educativos sobre a violência obstétrica, pois esse ainda é um tema pouco conhecido pelas gestantes e seus acompanhantes. Por fim, destaca-se a importância de um acompanhamento multiprofissional e principalmente psicológico, não só durante a gestação, mas também no puerpério.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. V.; OLIVEIRA, E. M.; MEDEIROS, A. S.; CARVALHO, M. S. M. L. Percepção das puérperas de um hospital materno infantil sobre a violência obstétrica no Estado de Roraima. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, v. 14, p. e11680, 2022. DOI: https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11680. Disponível em: http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/11680. Acesso em: 26 mar. 2023.

ARRAIS, A. R.; ARAUJO, T. C. C. F.; SCHIAVO, R. A. Fatores de Risco e Proteção Associados à Depressão Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. Psicol. cienc. prof., 2018 38(4), p. 711-729, out. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003342016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/nzLTSHjFFvb7BWQB4YmtSmm/?lang=pt. Acesso em: 27 mar. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo. Editora Atlas. 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023.

LANSKY, S. *et al.* Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 8, p. 2811–2824, ago. 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/66HQ4XT7qFN36JqPKNCPrjj/?lang=pt#. Acesso em: 23 mar. 2023.

MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Violência Obstétrica e Trauma no Parto: O Relato das Mães. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 41, n. Psicol. cienc. prof., 2021 41, p e219616, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003219616. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/XSKSP8vMRV6zzMSfqY4zL9v/?lang=pt. Acesso em: 26 mar. 2023.

MEDEIROS, R. C. S.; NASCIMENTO, E. G. C. "Na hora de fazer não chorou": a violência obstétrica e suas expressões. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 3, p. e71008, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n371008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/pYzdzkbVZN4Bth85wSkbgxC/?lang=pt. Acesso em: 25 mar. 2023.

MONTEIRO, K. A. *et al.* Evidências de sintomatologia depressiva no pós-parto imediato. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 22, n. 4, p. 379–388, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6032.2018v22n4.33808. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/33808-12. Acesso em: 27 mar. 2023.

NASCIMENTO, R. C.; SOUZA, A. C. F. A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica. **REVISA**, v. 11, n. 2, p. 149-62, 2022. DOI: https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n2.p149a162. Disponível em: http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/884. Acesso em: 27 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. Genebra: OMS, 2014. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

POLES, M. M. *et al.* Sintomas depressivos maternos no puerpério imediato: fatores associados. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, n. 4, p. 351–358, jul. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-0194201800050. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/HMjZg8HJgbMdsJysnyQsYjL/?lang=pt#. Acesso em: 23 mar. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. Disponível em: https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023.



SANTOS, M. L. C. *et al.* Sintomas de depressão pós-parto e sua associação com as características socieconômicas e de apoio social. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210265, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0265. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/wvn5x49ZqbgzhKGs4pqPnqb/?lang=pt#. Acesso em: 23 mar. 2023.